

Dívida: o acordo pode sair hoje

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A presidência do Banco Central destacou, ontem, a retração dos boatos em torno da quebra de novas instituições financeiras. Mas a crise no sistema financeiro, deflagrada pelas intervenções e liquidações extrajudiciais dos grupos Sulbrasil e Habitásul, impede o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, de deixar o País. Por isso, na noite de ontem, apenas o diretor da Área Externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, embarcou para Nova York. Mesmo assim, o Banco Central manifestou a expectativa de que o ministro da Fazenda, Ernane Galvães e o diretor do BC concluam a renegociação plurianual da dívida externa brasileira, no encontro de hoje com os banqueiros integrantes do comitê de assessoramento dos bancos credores.

O acordo para a rolagem da dívida brasileira a vencer nos próximos anos ficou bem perto, com os contatos nos últimos dias do ministro da Fazenda, Ernane Galvães, e seu provável sucessor, Francisco Dornelles, com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jacques de Larosière. Até por interesse dos bancos credores, preocupados com o fechamento dos balanços do primeiro trimestre, o FMI deve dar sinal verde para a conclusão da renegociação plurianual da dívida, antes mesmo da aprovação da sétima carta de



Arquivo

Apenas Serrano embarcou ontem para os Estados Unidos

intenções do Brasil ou da eventual exigência da oitava carta.

Além das suas reiteradas afirmações, o presidente eleito Tancredo Neves preferiu que o futuro ministro da Fazenda confirmasse pessoalmente a Larosière que o novo governo cumprirá os termos da renegociação em curso, o que serve de aval ao acordo proposto por Galvães e Pastore aos banqueiros privados, ao Clube de Paris e ao próprio FMI. Como, prazos e spread — taxa de risco — já foram acertados entre as partes, o anúncio do fechamento da fase 3 de renegociação passa a ser, segundo fonte do BC, questão de dias ou de horas.

INFORMATIVO

Após inaugurar, na segunda-feira, as novas instalações da agência do banco em Montevidéu, o presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, chegou ontem a Buenos Aires, onde permanecerá até o final da semana. Colin vai analisar a situação das operações do Banco do Brasil em toda a América Latina, em razão da participação direta do banco nos pacotes de renegociação da dívida de países como Argentina, Chile, Peru e Venezuela.

O informativo mensal distribuído pelo Banco do Brasil no Exterior

registra que, este ano, o Brasil deverá receber US\$ 1,2 bilhão de financiamentos do Banco Mundial, principalmente para projetos nos setores agrícola, energético e de transportes. Segundo o boletim, de janeiro a setembro de 1984 o Brasil foi o principal beneficiário dos recursos do Banco Mundial, ao receber 14% dos desembolsos globais do organismo, seguido pela Indonésia, com 9,8%, México, com 7,5%, e Coréia do Sul, com 6%. Nos nove primeiros meses de 1984, o Brasil recebeu US\$ 960,6 milhões do Banco Mundial.

O Banco do Brasil ressalta ainda o fim da burocracia para 63% dos importadores brasileiros. Para quem importa até US\$ 50 mil por ano, fica dispensado o programa de importações e de US\$ 51 mil a US\$ 100 mil, a aprovação automática dos programas está assegurada. O boletim destaca também o contrato de US\$ 600 milhões assinados pela Construtora Norberto Odebrecht para a construção e pela Furnas Centrais Elétricas para a prestação de assessoria técnica às obras de implantação do Complexo Hidrelétrico de Kapanda, em Angola.

De acordo com o informativo do Banco do Brasil, a primeira etapa das obras em Angola estará terminada em 1991. Localizada a 400 quilômetros de Luanda, capital de Angola, a usina terá capacidade de geração de 520MW e empregará cinco mil operários. Angola poderá pagar os serviços com petróleo.